

UMA NOITE DE PÂNICO NO HOSPITAL

Kátia Marsicano
Da equipe do **Correio**

Um campo de guerra. Foi essa a expressão usada pelo pediatra Erasmo Cozac, para definir o que viveu na noite de quarta-feira no plantão do Hospital Regional de Ceilândia (HRC). Ele é um dos 14 plantonistas que se mobilizaram num grande mutirão para salvar as vidas de dezenas de pessoas, que não paravam de chegar. Ao todo, 129 pacientes receberam atendimento. Todas elas vítimas do vazamento de gás que atingiu o conjunto O da QNN 6. O quadro geral era de intoxicação.

Vinte e sete pacientes eram crianças. De todas as idades. Tossindo, vomitando. Algumas com as pontas dos dedos dos pés e das mãos já arroxeadas, por causa da falta de ar. Outras se queixavam de estar com a garganta e os olhos ardendo.

Os adultos ficaram no pronto-socorro. As crianças foram para a pediatria, que, por causa de uma reforma, está funcionando no antigo centro cirúrgico. As quatro salas e o hall da unidade ficaram lotados. O clima era de pânico. "Pensei que todos fossem morrer", lembra o médico, ainda emocionado. "Chorei ao ver tantas crianças naquela situação".

O tumulto começou por volta das 22h. Os pequenos Elder Costa de Souza, 3 anos, e Lorrany Cristina dos Santos, 1 ano e 10 meses, foram os primeiros a chegar. "Minha filha estava mole, não parava de vomitar", contou a mãe, a dona-de-casa Licínia Maria, 33 anos, ontem de manhã. Licínia mora a poucos metros da casa de Edivaldo e também passou mal.

As duas crianças chegaram em estado grave. Precisavam de uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), mas, diante da pouca chance de se conseguir uma vaga em outro hospital da rede pública e da impossibilidade de esperar mais, o jeito foi tentar fazer alguma coisa com os recursos do próprio hospital. E deu certo.

"Colocamos as crianças no balão de oxigênio, no soro; enfim, fizemos o que pudemos. E Deus ajudou", diz ele. Quatro pediatras estavam de plantão, mas veio outro do berçário, mais uma enfermeira e até a equipe da limpeza, que correu para conseguir roupas. O cheiro do gás nas crianças era tão forte que, à medida em que iam chegando, eram encaminhadas para o banho.

Junto com Elder, chegou todo o resto da família: a irmã Elaine, 10 anos, e as primas Leidiane, 11, e Leidiane, 10. Estavam todos prontos para ir dormir, quando o

gás começou a vazar. Os pais de Elder e Elaine, Valcilene Brasil Costa, 28 anos, e Manoel Pinheiro Souza, 33, tiveram que ser transferidos para o Hospital Regional da Asa Norte (Hran), com quadro de insuficiência respiratória, muita tosse, dores no peito e sonolência.

PNEUMONITE

Ainda muito assustadas, as quatro crianças choravam, ontem de manhã, querendo voltar para casa. Na companhia da tia, Vanderléia (irmã de Valcilene), mostravam os bracinhos picados de injeção. Por volta das 10h30, foram submetidas a uma sessão de raio-X, que confirmou o quadro de pneumonite química (inflamação nos pulmões, provocada pelo gás tóxico que aspiraram) e hipoxemia (pouco oxigênio no sangue).

"É como se estivessem com uma ferida nos pulmões", conta o pediatra Erasmo Cozac. Passaram o dia, ontem, tomando anti-inflamatórios e, segundo o médico, ainda é cedo para determinar se haverá ou não seqüelas respiratórias.

A casa 17 do conjunto O, em que mora a família de Manoel e Valcilene, fica exatamente em frente à casa onde ocorreu o acidente, e foi uma das mais atingidas pelo vazamento, até porque o cilindro de gás, tão logo começou a liberar o seu conteúdo, foi arastado para o meio da rua pelo próprio Edivaldo, segundo Manoel. Parte da fumaça acabou entrando na casa.

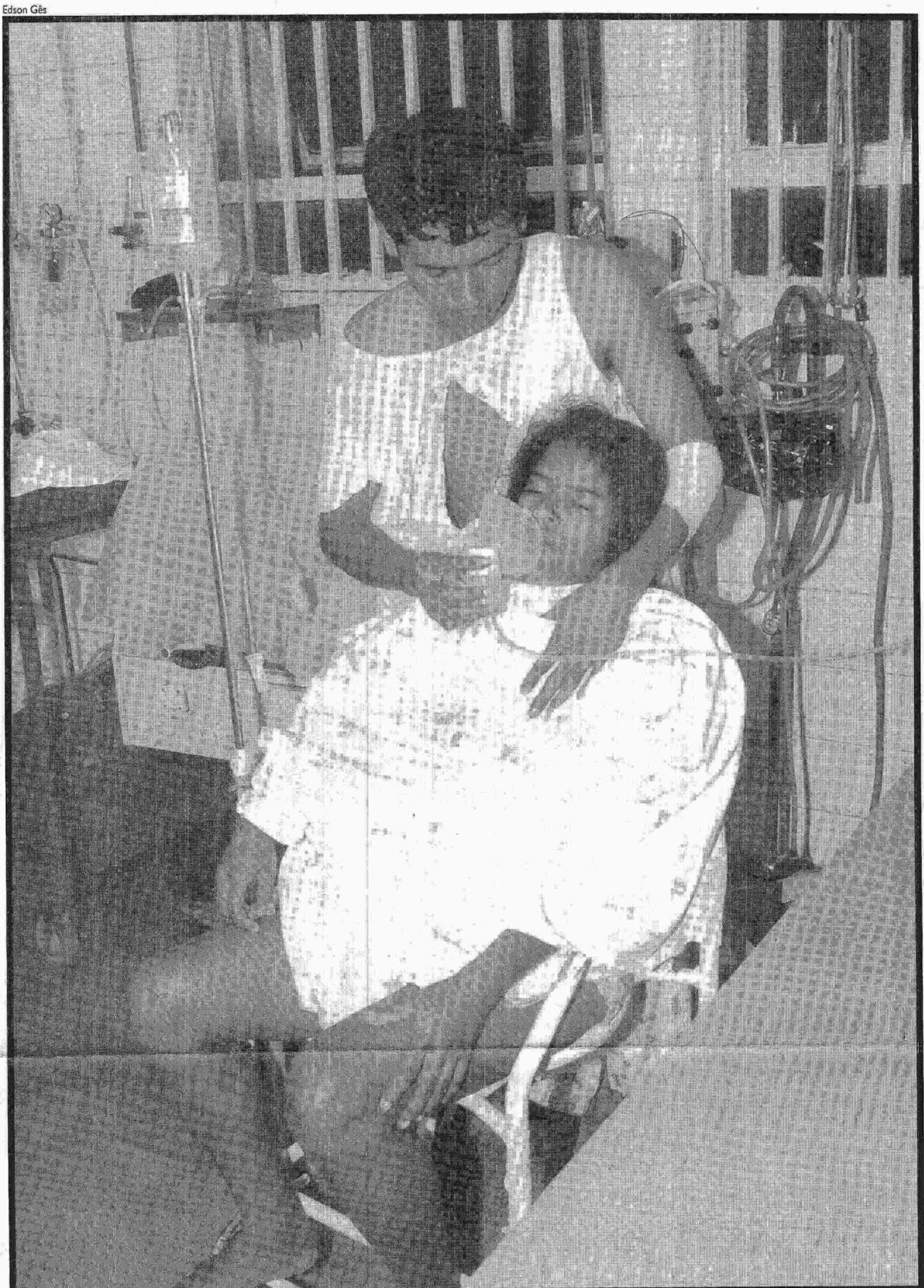
"O cheiro era muito forte. Não dava para a gente respirar", conta Leidiane. Ela e a irmã Leidiane estavam passando o dia na casa dos tios e se preparavam para dormir, quando ouviram uma espécie de chiado, semelhante ao de uma panela de pressão em funcionamento. "Estou preocupada com os cachorrinhos da nossa rua. Morreram?", perguntou.

Na pediatria, no quarto próximo ao dos quatro primos, ficaram Rafael, 9 anos, Rebeca, 2, e Eric, 3, com a mãe Luíza Tomás. Eles e mais sete pessoas estavam na casa 24 do conjunto O, assistindo televisão. Da família, os mais atingidos foram Rosilene Tomás da Silva, 21 anos, e seus pais, e Benedito Luiz, 65, Maria Tomás, 65, atendidos no Hospital de Base.

"Saímos correndo de casa", diz, baixinho, Rafael, durante a nebulização. O menino, de jeito tímido, contou que estava toda a família reunida quando tudo aconteceu. Como as outras crianças, também precisou fazer exames de raio-X, para avaliar o grau de comprometimento dos pulmões, após a inalação do gás.

Até o final da manhã de ontem, das 27 crianças atendidas na emergência da pediatria, dez ainda estavam internadas. Quatro com diagnóstico de pneumonite, sem previsão de alta médica. As demais, em observação, tomavam soro e nebulização. Vinte adultos também estavam no local, em tratamento de reidratação, feito com soro.

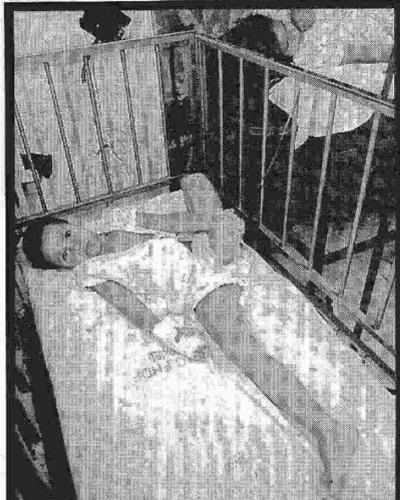
À tarde, foram transferidos para outro hospital o aposentado Edivaldo Batista Pereira, 52 anos, e o filho Ronaldo, 20 anos. Edivaldo foi para a UTI do Hran e o filho para o Hospital Amparo.



TODA A FAMÍLIA

Rosilene Tomás é ajudada pelo irmão, Anastácio, antes de ser transferida de hospital. Ela e várias pessoas da família foram atingidas na mesma casa, quando assistiam à TV, inclusive seus pais — Benedito e Maria —, levados para o HBDF

Carlos Vieira



O PRIMEIRO

Elder, três anos, foi um dos primeiros a chegar ao hospital

"PENSEI QUE TODOS FOSSEM MORRER. CHOREI AO VER TANTAS CRIANÇAS NAQUELA SITUAÇÃO. COLOCAMOS TODAS NO BALÃO DE OXIGÊNIO, NO SORO; ENFIM, FIZEMOS O QUE PUDEMOS. E DEUS AJUDOU"

Erasmo Cozac,
médico pediatra

"O CHEIRO ERA MUITO FORTE. NÃO DAVA PARA A GENTE RESPIRAR"

Leidiane,
vítima

"MINHA FILHA SÓ SENTI A GARGANTA, O PESCOÇO, TUDO QUEIMANDO. OS OLHOS ARDENDO E UMA CANSEIRA TERRÍVEL"

Maria Tomás,
vítima